



EDIÇÃO Nº 14  
JULHO DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/05/2014  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2014

## A CONSTRUÇÃO *ETHÓTICA* E ESTILÍSTICA, EM MEMÓRIAS INVENTADAS: AS INFÂNCIAS DE MANOEL DE BARROS

Layanne Rezende Carrijo  
UNEMAT

**Resumo:** Com base nas reflexões sobre o Discurso Literário e a cenografia de Maingueneau (2005 e 2006), a Retórica aristotélica (2005), os trabalhos de Possenti (2009) e de Discini (2004) a respeito de estilo, entre outras pesquisas do campo literário, analisaremos as dimensões estilística e retórica da obra *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. Nosso foco será a construção das imagens de si do enunciador, por meio do modo particular que ele organiza o seu enunciado e sua enunciação, de forma a obter determinados efeitos de sentido. Ou seja, analisaremos o estilo de Barros, a cenografia construída pelo poeta em suas narrativas autobiográficas, por meio dos quais as imagens de si também emergem.

Palavras-chaves: Manoel de Barros, Poesia, Ethos, Infância.

### Introdução

Patrick Charaudeau (2005) diz que quando se trata de analisar um texto literário, quanto mais variadas disciplinas envolvidas, mais profunda essa análise será. É partindo desse pressuposto que nos propomos a desvendar a estrutura do Discurso Literário presente em *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*.

Num primeiro momento buscaremos, em linhas gerais, a partir do conceito de discurso, de Dominique Maingueneau, definir o discurso literário. Em seguida, apresentaremos um breve histórico da noção de *ethos*, a retomada dessa noção por Maingueneau e Amossy sob a perspectiva da Análise do Discurso e a relação entre *ethos* e cena de enunciação. Posteriormente, já enfocando nosso objeto de análise, associaremos *ethos* e cenografia ao Discurso Literário, observando os sentidos implícitos na obra de Manoel de Barros.

### Discurso

Segundo Maingueneau (2012, p. 39), a noção de discurso é de difícil operação, pois ela atua em dois planos: “de um lado, possui valores clássicos em linguística e, de outro, é passível de um uso pouco controlado, na qualidade de palavra-chave de uma certa concepção de língua”. Para o autor, ao se falar de “discurso”, renuncia-se certa concepção da linguagem e da semântica e ativa-se algumas ideias-

força, as quais interessam diretamente ao estudo do fato literário: *o discurso supõe uma organização transfrástica*, pois mobiliza estruturas de ordem diversa das da frase, o que não significa que o discurso tenha tamanho superior ao da frase; *o discurso é uma forma de ação*, pois todo enunciado é associado a certas intenções do locutor; *o discurso é interativo*, sendo a conversação sua manifestação mais evidente. Porém mesmo em discursos que não envolvem conversação, como é o caso da literatura, há interação, pois toda enunciação é um intercâmbio, visível ou não, entre locutores reais ou virtuais; *o discurso é orientado*, pois se desenvolvem no tempo e é direcionado por seu locutor em função de uma finalidade. A finalidade de um livro, enquanto arte, é fazer sentir; *o discurso é contextualizado*, pois só é possível compreendê-lo inserido num contexto; *o discurso é assumido por um sujeito*. Um dos eixos da análise do discurso é a reflexão sobre a subjetividade da enunciação, e essa subjetividade supõe pontos de referência à situação, contexto e interlocutores; *o discurso é regido por normas*. Por ser um comportamento social, o discurso está sujeito a normas sociais e, ao mesmo tempo, a normas específicas de discurso; *o discurso é considerado no âmbito do interdiscurso*, pois só passa a ter sentido se relacionado a outros discursos já produzidos.

Desse modo, considerar o fato literário como “discurso” requer uma renúncia à ideia da obra *em si*, sem contato com o exterior. De acordo com Maingueneau, a pretensão da literatura, na verdade, é produzir obras que transcendam o contexto no qual foram produzidas, mas quando estudada enquanto discurso literário relaciona-se a seu dispositivo enunciativo e o contexto não pode ser desconsiderado, pois o “conteúdo” da obra, na verdade, remete às suas condições de enunciação.

Para fazer uma análise discursiva e não literária de *Memórias Inventadas*, deve-se tirar o foco dos aspectos estéticos e colocar em primeiro plano a construção de sentidos. Esses sentidos estão tanto implícitos quanto explícitos, sendo que os implícitos surgem a partir dos explícitos, ou seja, a partir da materialidade linguística. Entre os sentidos implícitos que podem surgir está o *ethos*. Os temas que Manoel de Barros aborda, as ações que ele narra, as coisas que ele descreve e a maneira como as descreve – pois o estilo também colabora na construção de imagens de si – constituem identidades que constroem uma figura de homem do “mato” que preza coisas “miúdas”, a qual nos propomos a observar nesse trabalho.

### ***Ethos e cena da enunciação***

Na Grécia antiga, a retórica era utilizada como ferramenta de persuasão e eficácia no uso do discurso. Aristóteles sistematizou a técnica de argumentação afirmando a persuasão pode ser alcançada por três tipos de provas: *ethos* – o caráter do enunciador; *pathos* – a emoção despertada no ouvinte; e *logos* – os próprios argumentos.

Na Retórica, de Aristóteles, a prova pelo *ethos* consiste em apresentar traços de caráter do orador ao auditório, pouco importando sua sinceridade, para causar boa impressão. Essas imagens de si que o orador constrói podem ser *ditas* ou *mostradas*, mas Maingueneau (2012) afirma que a persuasão é mais eficaz quando o *ethos* é percebido pela maneira de dizer sem ser explicitado no enunciado.

Sob a luz da Análise do Discurso, Maingueneau retoma a concepção de *ethos* e afirma que o conceito vai além da persuasão, como propunha a Retórica. Nessa perspectiva o *ethos* não está restrito a argumentação, mas aparece em toda troca verbal, como reforça Amossy (2005) ao afirmar que sempre que o locutor toma a palavra, está construindo imagens de si. Não se trata de um autorretrato feito pelo orador, mas sua fluência, entonação, escolha de palavras e argumentos, etc, são o suficiente para uma apresentação de si.

Essa noção de *ethos* permite, ainda, refletir sobre a adesão dos sujeitos a um certo posicionamento, como é evidente em discursos publicitários, literários, filosóficos políticos, etc, cujo público deve ser conquistado, pois pode ignorar ou recusar esses discursos.

Maingueneau acrescenta que a noção de *ethos* não está necessariamente vinculada à oralidade, mas que todo texto escrito possui uma *vocalidade* que permite associá-lo a um *fiador*. Desse modo, o autor apresenta uma concepção “encarnada” de *ethos*, considerando não apenas a dimensão verbal, mas também “o conjunto de determinações físicas e psíquicas vinculadas ao fiador” (MAINGUENEAU, 2008, p. 65), atribuindo-lhe um “caráter” e uma “corporalidade”, sendo o “caráter” traços psicológicos e a “corporalidade” a aparência física e a maneira de se vestir, este não perceptível em nosso *corpus*, por tratar-se de um gênero escrito. O destinatário identifica o *ethos* com base em representações sociais, estereótipos que a enunciação confirma ou transforma.

Segundo Maingueneau, o *ethos* é parte da cena da enunciação, pois é pelo modo que a cena é construída que o *ethos* se constitui. Essa cena de enunciação é composta de três cenas, as quais Maingueneau chama de cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante integra o discurso a um tipo, portanto todo “enunciado literário está vinculado com uma cena englobante literária” (MAINGUENEAU, 2012, p. 251). A cena genérica está

relacionada a um gênero, assim o livro *Memórias Inventadas*: as memórias de Manoel de Barros, insere-se nas cenas genéricas poesia e prosa, pois é composto de textos pertencentes a ambos os gêneros.

A cenografia é a cena construída pelo próprio texto, independente do tipo ou gênero do discurso: um romance pode ser enunciado por meio de uma cenografia de carta, diário, conversa à mesa. Remete ao caráter teatral de “cena”, à encenação: é o modo como a enunciação se constrói e se caracteriza. A cenografia é também aquilo que “o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 70), ou seja, a fala pressupõe uma cenografia que vai se validando por meio da própria fala. No discurso observado, Manoel de Barros constrói cenas corriqueiras do dia-a-dia da vida no mato, cenas essas que se confirmam progressivamente pelo vocabulário usado pelo poeta, repleto de palavras que remetem e evidenciam sua preferência pelo universo das “miudezas do chão” – pedra, rã, árvore, rio – e pelas coisas da natureza, reforçando um *ethos* de homem do mato, como pretendemos observar.

## O corpus

A série *Memórias Inventadas*, do poeta mato-grossense Manoel de Barros, é composta por três livros: *A infância*, *A segunda infância* e *A terceira infância*, os quais tratam de sua infância, mocidade e velhice, respectivamente. As três obras intitulam-se “infância”, pois Manoel só teve infância, segundo palavras do próprio poeta.

As infâncias de Manoel de Barros foram reunidas em um único exemplar, que tomamos como *corpus* para essa pesquisa, intitulado *Memórias Inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. O livro possui o total de 42 poemas – 15 da primeira infância, 17 da segunda e 10 da terceira – dos quais 10 foram selecionados para análise.

## O *ethos* em *Memórias Inventadas*

Em *Memórias Inventadas*, Manoel de Barros faz um retrato de sua vida. Os versos sem complexidade e rebuscamentos, contribuem para a formação da imagem de alguém simples.

Nos poemas selecionados pudemos observar a emergência da figura de um homem do “mato”. Essas imagens ora são ditas, ora mostradas e ora o enunciador constrói imagens de outrem, mas que permitem a identificação de seu próprio *ethos*.



Nos poemas *Ver* e *Desobjeto*, observa-se que coisas sem importância não passam despercebidas aos olhos do homem do “mato”.

*Nas férias toda tarde eu via a lesma no quintal. Era a mesma lesma.*  
(BARROS, 2008, p. 33)

No segundo poema a ação de observar coisas “insignificantes” é atribuída à outra pessoa, mas, como já foi dito, é possível identificar o *ethos* do próprio enunciador.

*O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxerga o pente naquele estado terminal.* (BARROS, 2008, p. 27)

O enunciador assume a figura de alguém que gosta de coisas “desimportantes”:

*Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.* (BARROS, 2008, p. 45)

Justifica essa valorização das coisas da natureza:

*Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial.* (BARROS, 2008, p. 63)

E explica:

*Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.* (BARROS, 2008, p. 95)



EDIÇÃO Nº 14  
JULHO DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/05/2014  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2014

Por isso preza as coisas do “chão”:

*Eram esses pequenos seres que viviam ao gosto do chão que me davam fascínio.* (BARROS, 2008, p. 33)

### **Considerações finais**

Sob a ótica da Análise do Discurso, o *ethos* é a construção de imagens de si feita pelo enunciador a fim de fazer o coenunciador aderir fisicamente a certo universo de sentido. Em nosso estudo observamos que Manoel de Barros, enquanto enunciador, constrói um *ethos* de homem “mato” que gosta e observa coisas “desimportantes”, miudezas do chão, conferindo mais importância para as coisas da natureza do que para as construídas pelo homem.

### **Referências bibliográficas**

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Discurso Literário*. Tradução Adail Sobral – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

MELLO, Renato de (org.). *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.